

Disponível em [www.cerescaico.ufrn.br/mneme](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme)

## **A RELAÇÃO FILOLOGIA/LINGÜÍSTICA – trajetória, percalços, impasses e convergências.**

Camilo Rosa – DESE/CERES/UFRN

[camilo@seol.com.br](mailto:camilo@seol.com.br)

Mestre em Língua Portuguesa

professor do DESE/CERES/UFRN – Campus de Caicó – RN

### **Resumo**

É pretensão deste artigo rastrear a evolução conceptual da Filologia, pautando-se por uma preocupação em explicitar a forma como essa ciência tem se relacionado com a Lingüística. Desse modo, dedica-se atenção à interdisciplinaridade, numa busca de entender o grau de relação que se pode estabelecer entre Filologia, Lingüística e demais ciências do homem.

Palavras-chave: filologia, lingüística, interdisciplinaridade.

### **Introdução**

Na acorrida ao aprofundamento investigativo dos fatos da linguagem humana, registram-se posicionamentos consensuais ou discordantes, na relação que se estabelece entre estudos e estudiosos imbuídos de tal propósito. Dentre estes, destaca-se o não pouco conturbado embate travado entre a Filologia e a Lingüística, ciências cujos pressupostos apontam para a imbricação de universos, métodos e interesses. Pode-se, grosso modo, debitar certas turbulências e estremecimentos que permeiam tal relação à inobservância de áreas fronteiriças e uma patente comunhão de objetos.

É pretensão deste artigo rastrear, através de um apanhado bibliográfico, a evolução conceptual da Filologia, pautando-se por uma preocupação em explicitar a forma como essa ciência tem se relacionado com a Lingüística. Desse modo, dedica-se atenção à interdisciplinaridade, numa busca de entender o grau de relação que se pode estabelecer entre Filologia, Lingüística e demais ciências do homem.

O surgimento da Lingüística, segundo BUENO (1954), “*data de apenas um século. Iniciou-se na Alemanha com os estudos de Schleicher*”, enquanto a filologia “*remonta à escola de Alexandria, aos textos de Homero*”. O histórico dessas duas ciências aponta para uma convivência eivada de confluências, influências e divergências perceptíveis já a partir da afirmação do método histórico-comparativo, e vai nortear (e/ou desnorrear) uma inter-relação que se impõe através do tempo.

O estudo das línguas evoluiu na dinâmica do tempo; conseqüentemente surgiu a necessidade de realizar uma investigação particular de cada uma delas; como também tornou-se imperativo separar o estudo da literatura do estudo da língua propriamente dito. Assim, língua e literatura deixaram de ser vistas como objeto uno sobre o qual se debruçava o interesse dos cientistas da linguagem.

O enfoque do texto ora apresentado aponta à relação da Filologia com a Lingüística Estrutural, dada a dificuldade de acessar trabalhos que tematizem a ligação da Filologia com a Lingüística Gerativa e com a Lingüística Textual ou a Lingüística da Enunciação.<sup>i</sup>

Aparentemente, nos últimos vinte anos, nenhum trabalho de vulto, relativo à teoria filológica, tem sido publicado no Brasil. Podem ser encontrados, com certa raridade, artigos veiculados em livros ou periódicos especializados, que apresentam resultados de pesquisas filológicas, mas nenhum deles faz referência à discussão ora desenvolvida: a relação Filologia/Lingüística.<sup>ii</sup>

## Filologia: origem e conceitos

O termo *filologia* - um composto de origem grega (como grande número dos termos técnicos relativos à gramática, retórica, dialética, lógica, poética etc.) é formado por dois elementos: a raiz do verbo amar (*fil*), e o substantivo *logia*, derivado de *logos*: verbo, discurso, fala, linguagem, raciocínio. Esses dois elementos que, de acordo com o sistema grego de formação de palavras, unem-se pela vogal de ligação “o”, chegam a se identificar de tal forma em sua fusão que vão receber de MICHAËLIS (19--) a declaração: “*A palavra Filologia, ritmicamente bela, como quase todos os vocábulos gregos, não é apenas a soma das duas - mas mais alguma coisa: uma idéia nova.*”

Etimologicamente, o conceito representado pelo termo filologia possibilita interpretações como: amor da ciência, o culto da erudição - em especial, o culto da ciência da linguagem. A palavra *filologia* aparece pela primeira vez em obras de Platão, como o *Kratylos* e a *A República*.

Em sua origem, a ciência filológica vê-se ligada intimamente à Filosofia. Os primeiros filólogos eram filósofos, ou seja, a denominação era atribuída àqueles que se distinguiam, não somente pela carga de conhecimentos gerais, mas também como “pensadores” que se aprofundavam no culto das ciências da linguagem. Eram denominados *filólogos* e formavam um seleto grupo de filósofos.

Na Idade-Média, com a conquista da Grécia pelos romanos, estes assimilaram dos gregos os hábitos, costumes, religião e especialmente a Filosofia. O domínio exercido sobre os gregos transformou a língua latina, enriquecendo-a com adaptações (relativas ao sentido ou à forma) de palavras latinas a modelos gregos. Nesse ínterim, a Filologia permaneceu como parte integrante da Filosofia, embora ostentando outras denominações, como Artes ou Artes Liberais, trívio filológico: gramática, retórica e dialética.

A partir de 1300, com o Renascimento, o helenismo vai encontrar vigor em muitos intelectuais gregos que haviam se refugiado na Itália. Reacende-se, então, a chama da Filologia, dessa feita com aspectos que a caracterizariam como Filologia Greco-Latina, ou Filologia Clássica. Até fins do séc. XVIII, não houve outra Filologia senão esta clássica.

Pensando com MICHAËLIS (idem), “*somente depois de os irmãos Schlegel haverem estudado os livros clássicos e arcaicos da Índia e depois de Franz Bopp ter reconhecido e demonstrado o parentesco do sânscrito com os principais idiomas cultos da Europa, é que houve filologia indo-germânica.*” A partir daí, vão sendo lançados os fundamentos da Filologia Germânica por Jakob Grimm, e os da Filologia Românica (neo-latina) por Friedrich Diez. Posteriormente, surge a Filologia Céltica e a Eslávica. Sucessivamente, fora do campo germânico, aparecem estudos de Filologia Semítica, Inglesa, Portuguesa etc.

Estudiosos como Bopp, Grimm e Diez abstrairam da literatura, passando a se preocupar exclusivamente com o estudo de línguas. A partir daí, vão sendo criados termos como: glotologia, glótica (gregos) e também lingüística (ao modo latino), os quais vão cognominar esta nova vertente de investigação científica, tendo as línguas como objeto exclusivo.

No século XIX, desde que se passou a investigar lingüisticamente a Índia, dilatou-se o campo de ação dos filólogos. Além disso, valorizou-se o estudo do latim vulgar ou falado e, conseqüentemente das línguas novilatinas ou românicas.

O estudo das línguas indo-germânicas influencia o exame e a classificação genealógica de línguas não indo-européias, como aquelas pertencentes a povos da caucásica (semitas, hamitas, drávidas). Realizam-se, também, novas investigações sobre as línguas da raça mongólica, as americanas, as africanas e as da Oceania. Chega-se a um contingente superior a mais de duas mil línguas diferentes.

FIGUEIREDO (1970) traça uma síntese da evolução paulatina do conceito de Filologia:

“1) No século IV, a.C, nas Leis, Platão opunha a filologia dos atenienses à briquiologia dos espartanos; Platão, portanto, conceituava a filologia como sendo o amor da conversação.

“2) Com Eratóstenes (276-195 a.C), e com os demais sábios da Escola de Alexandria, principalmente Aristarco, a filologia era o estudo da língua e dos textos homéricos.

“3) com Crates de Malos, chefe da Escola de Pérgamo, introduzindo a gramática em Roma, e com Ateius Praetextatus, que foi amigo de Salústio, a filologia não mudou de conceituação. Houve mudança de língua e de texto, mas o espírito da Escola de Alexandria continuou em Roma, até mesmo depois de Varrão.

“4) Já para Sêneca, (I séc. D.C), a filologia era o saber que se relacionava ao logos, ao verbo; daí a oposição entre filologus e grammaticus existente naquela época.

“5) Para Marciano Capella (séc. IV e V), a filologia era o conjunto de toda sabedoria, o conjunto dos conhecimentos superiores.

“6) Durante muitos anos, os sábios tomaram a palavra filologia como sendo os estudos gramaticais. O próprio Dante falava da gramática como sendo la prima arte.

“7) Wolff (1777) deu outra conceituação à filologia, afastando-a dos estudos gramaticais, para filia-la ao conhecimento da civilização greco-latina. Um bom exemplo de tal concepção de filologia está, por exemplo, no Manuel de Philologie Classique, de Reinach.

“8) De Bopp e Diez para cá, a filologia passou a significar o estudo dos documentos escritos de uma língua, e, mais particularmente ainda, o estudo dos textos e de sua transmissão, excluído o estudo da língua, reservado à lingüística. Tal é a conceituação moderna de Marouzeau.”

Essa condensação de elementos que assinalam a evolução conceptual da Filologia poderia confluir para uma apresentação terminológica menos conflitante. Entretanto, o termo “filologia” não se faz representar com a significação precisa que seria razoável encontrar na terminologia relativa às ciências da linguagem. Observem-se as definições apresentadas a seguir:

“A Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. [...] Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo Filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas”. (AUERBACH, 1970).

“A palavra filologia em sentido lato emprega-se muito freqüentemente para designar dois domínios que, todavia, importa distinguir: a filologia em sentido restrito e a lingüística; duas disciplinas relacionadas com a linguagem humana, mas cujos pontos de vista são diferentes. [...] o papel da filologia é determinar o conteúdo de um documento que utiliza uma língua humana.” (MALMBERG, 1971).

“No sentido em que o termo está tomado nos Estados Unidos, filologia é o vasto território intermediário entre a ciência lingüística, de um lado, e os estudos literários e humanísticos, de outro. (Na Inglaterra, inclina-se a usar o termo com referência à ciência lingüística como um todo, incluindo a filologia no sentido americano. Deve-se também observar que, tanto nos Estados Unidos quanto no exterior, o departamento universitário que se ocupa da lingüística é freqüentemente chamado departamento de ‘filologia comparativa’, o que reflete o pensamento do século XIX, de onde evolui a ciência lingüística da atualidade). A filologia preocupa-se, portanto, com os aspectos lingüísticos da literatura e formas artísticas correlatas, bem como de documentos culturais e sociais de várias espécies. Tenta interpretar seus materiais à luz da história lingüística e também à luz dos contextos mais amplos da história social e cultural.” (CARROL, 1973).

“Filologia lato sensu é o estudo científico de uma forma de língua atestada por documentos escritos. É uma ciência aplicada, dado que seu escopo, sua finalidade específica é fixar, interpretar e comentar os textos. De modo que o conhecimento científico da língua funciona como meio, como instrumento para que a ciência atinja seu fim próprio.” (MELO, 1975).

“Helenismo que significa literalmente ‘amor à ciência’, usado a princípio com o sentido de erudição; especialmente interessada na exegese dos textos literários. Hoje designa, estritamente, o estudo da língua na literatura, distinto portanto da lingüística. Há, porém, um sentido mais lato para filologia, muito generalizado em português [...] o que vem a ser o estudo lingüístico, especialmente diacrônico, focalizado no exame dos textos escritos em vez da pesquisa na língua oral por inquérito com informantes”. (CÂMARA JR., 1995).

Percebe-se, nas definições ora ensejadas, que a imprecisão parece caracterizar o termo “*filologia*”. Fica patente a pluralidade de concepções formalizadas em relação ao objeto e ao método pertinente à tal ciência.

No entanto, é possível, pela confluência de certos traços aparentes nos conceitos alçados, costurar uma definição de Filologia que permita condensar os vários pontos de vista neles veiculados. Tal tarefa é realizada por SOUZA (1979), que chama a atenção para o fato de que em várias definições sugeridas para o termo *filologia*, é possível pontuar a convergência dos seguintes itens: “1) *Interessar-se tão-somente pelos textos escritos*; 2) *interessar-se por questões que transcendem à linguagem verbal, projetando-se em contextos mais amplos, de história cultural e social*; 3) *interessar-se pela diacronia da língua*.”

A partir de tal constatação, esse autor posiciona-se: Filologia é a “*ciência que, partindo do exame de textos escritos, se propõe fazer a historiografia da língua e/ou da cultura documentada nos textos*.” Assim entendida, a Filologia tem como objeto, exclusivamente, documentos escritos. Exercendo a crítica, ela caracteriza-se como uma ciência histórica, na qual o argumento de autoridade apresenta valor nulo. MELO (idem) destaca que “*o filólogo nunca acha, não cita opiniões alheias: simplesmente arrola fatos da língua, denuncia tendências, anota objetivamente preferências, etc. E sempre a fonte de conhecimento para ele é o texto*.”

O texto é a própria razão de ser da Filologia. É ele que pode favorecer a visão do estado da língua em épocas as mais remotas. Se estudados com método filológico e organizados cronologicamente, os textos permitirão elaborar a história do idioma.

Dessa forma, compete ao filólogo mostrar-se competente para, estudando os textos, poder apontar seus “erros”, criticá-los quanto a sua autenticidade, indicando com exatidão sua autoria e época de origem, como também dirimir dúvidas que possam ser atribuídas à obscuridade de determinadas passagens.

Para MELO (idem), é de vital importância a escolha do texto com o qual o filólogo vai trabalhar; é no momento dessa escolha que deve intervir a crítica. É possível, por exemplo, que haja várias edições de um livro e, dentre estas, “*algumas há que não valem nada, outras existem boas e fidedignas. O filólogo deve ser capaz de discriminar as edições e valer-se sempre dos bons textos*.”

Além de selecionar com rigor a edição com a qual vai trabalhar, o filólogo deve, ao citar trechos que venham ilustrar determinadas situações da língua, referir-se com precisão à fonte da qual foi retirada tal passagem, indicando autor, obra, página, local e data da edição.

#### Relações entre Filologia e Lingüística:

A convivência diacrônica entre Filologia e Lingüística reflete alguns aspectos comuns, ao mesmo tempo que apresenta visíveis divergências. ELIA (1970), destaca que a história registra entre essas ciências uma relação que se configura como “*da parte para o todo*”, uma vez que “*A lingüística é o estudo das línguas em todos os seus aspectos, inclusive o filológico*”, e enfatiza: “*a filologia precedeu a lingüística, mas hoje deve situar-se modestamente no quadro geral dos estudos lingüísticos*.”

Ao analisar a obra de Schleicher, LEROY (1971) afirma que este, por causa de sua formação de botânico, “*gostava de opor o lingüista ao filólogo, comparando o primeiro ao naturalista que abarca, no seu estudo, o conjunto dos organismos vegetais, enquanto o filólogo semelha o jardineiro que só se preocupa com as espécies estimáveis pelo seu uso prático ou pelo seu valor estético*”.

Depreende-se dessa crítica o entendimento de que a Lingüística teria comparativamente à Filologia, um campo de investigação bem mais passível de dilatações.

A exposição de procedimentos realizada por BUENO (idem) para explicar essa relação, fá-lo lembrar que a lingüística procede em sentido inverso ao da filologia: “*enquanto esta acompanha o idioma de um povo desde os seus primeiros documentos literários até os mais*

*perfeitos, aquela retrocede destes últimos para os primeiros, indo mais além, no afã de atingir a fonte primitiva da expressão”.*

O fato de que as duas ciências se debruçam sobre o mesmo objeto assinala o ponto mais saliente da convergência que pode ser observada entre ambas. Além disso, elas consideram a língua sob uma perspectiva científica, o que vai fazer com que se diferenciem da gramática normativa. Isso significa afirmar que há um rigor metodológico na forma como abordam o seu objeto, primando pela segurança da observação e para que a publicação dos resultados alcançados nas pesquisas seja o mais imparcial possível.

LOPES (idem), considera difícil o estabelecimento de limites entre Lingüística e Filologia, devido ao grau de afinidade que as liga entre si: *“Sob um certo prisma é possível dizer que a a filologia constitui uma modalidade e uma etapa histórica da lingüística (lingüística diacrônica).”* A Lingüística (leia-se “Lingüística Estrutural”) dispensa maior atenção à língua, valorizando a sincronia em detrimento da diacronia, preterindo o sintagmático ao paradigmático. É esse aspecto o que a faz opor-se à Filologia, uma vez que nesta, a atenção maior é dada à fala, à diacronia e a singularidades e dados concretos.

As divergências mais acentuadas entre Lingüística e Filologia, na visão SOUZA (idem), residem no fato de que a primeira *“por força da própria natureza dos fenômenos de que se ocupa, é absorventemente preocupada com a sistematização de seus dados, enquanto a filologia, também por força da natureza dos fenômenos de que trata, não pode pretender relatar de forma absolutamente sistemática os resultados de suas pesquisas.”*

O desentendimento entre filólogos e lingüistas tem início no século XIX, quando do surgimento da Lingüística. Foi a época de afirmação do método histórico-comparativo, o qual ia encontrar nas inscrições populares, bem como nos falares rurais, a solução para alguns problemas de reconstituição da história da língua. Os filólogos, preocupados com os documentos literários considerados clássicos, não admitiam o interesse dos lingüistas pelo material que eles consideravam indigno.

LEROY (idem) faz referência a uma convergência de pontos de vista que teria havido entre as duas ciências: *“Será preciso chegar ao fim do século XIX para ver os filólogos e os lingüistas tomarem decididamente consciência do interesse que tem de parte a parte, em penetrar o método dos colegas.”*

No século XX, a controvérsia volta a se acirrar. A Filologia, presa à perspectiva historicista, não consegue absorver a supremacia do sincrônico sobre o diacrônico, imposta pelo Estruturalismo.

Oportuno faz-se mencionar que SAUSSURE (1972), em seu Curso de Lingüística Geral, especifica assim as tarefas da Lingüística:

*“a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder conhecer, o que redundará em estabelecer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas matrizes de cada família; b) sondar as forças que estão em jogo de maneira permanente e universal em todas as línguas e induzir as leis gerais a que se pode referir todos os fenômenos particulares da história; c) delimitar-se e definir-se a si mesma.”*

Cotejando as definições de Filologia anteriormente descritas, especialmente no que se refere ao seu objeto de estudo, uma interpretação a que se pode chegar dessa lista de atribuições eleitas por Saussure, cujo conteúdo sintetiza os objetivos da ciência da linguagem a que ele se dedicou, é que seria inevitável o estabelecimento de uma relação intrínseca entre Filologia e Lingüística, a despeito das divergências ocasionadas por suas idiossincrasias.

Filologia e Lingüística: sua relação com outras ciências

A Filologia se relaciona com diversas outras ciências. Com a História da Literatura, por exemplo, esta relação é se caracteriza por uma intensa afinidade. Conhecer a história da literatura portuguesa é requisito indispensável para quem tem por tarefa o estudo da língua portuguesa considerada culta.

Entretanto cada uma dessas ciências examina seu objeto sob uma perspectiva distinta: o filólogo interessa-se pela língua, analisando suas formas e construções; enquanto ao historiador da literatura o que vai interessar é a mensagem estética, a visão da vida que esses documentos expressam.

Apesar de lidarem com aspectos distintos da língua e de buscarem atingir propósitos também diversos, conforme afirma MELO (ibid), *“O filólogo tem de conhecer a história da literatura, enquanto que o historiador precisa receber luzes do filólogo, ao menos para compreender os textos antigos.”* Isso significa que entre esses dois cientistas a permuta de informações é vital para o exercício de suas investigações.

Além de relacionar-se diretamente com a História da Literatura, a Filologia não pode prescindir da colaboração de outras ciências ou técnicas auxiliares, tais como: a Arqueologia, a Paleografia, a Mitologia, a Numismática, a História, o Folclore etc. É largo o campo de ciências auxiliares da Filologia. Logicamente, algumas mais e outras menos acionadas, mas todas elas se revestem de importância, dada sua utilidade para responder a algumas indagações a elas pertinentes e que interferem em estudos lingüísticos. *“Enciclopédia Filológica”* é o termo que denomina este conjunto de conhecimentos.

BUENO (idem) apresenta o seguinte quadro de disciplinas auxiliares para o estudo da Filologia Portuguesa:

*“I - Disciplinas essenciais: Gramática, Estilística, Poética, História da Língua Portuguesa, História da Literatura.*

*“II - Disciplinas Secundárias: História da Civilização, História de Portugal, Geografia de Portugal, Antiguidades ou Instituições Portuguesas, Mitologia, Religião e Folclore Peninsular.*

*“III - Disciplinas Complementares: Arqueologia Portuguesa, Epigrafia, Numismática, Metrologia, Artes, Paleografia, Edótica e Hermenêutica.”*

A indicação da época a que pertence determinado tipo de letra, a interpretação e desenvolvimento das abreviaturas, o conhecimento dos estágios da língua em sua evolução através do tempo, a análise que levará à conclusão de que o manuscrito trabalhado é original (ou cópia), o conhecimento da cultura da época do manuscrito, enfim, toda a interpretação do texto, assimilando alusões, imagens, referências, para tudo isto faz-se mister um trabalho de consulta e cooperação entre filólogos e estudiosos dessas áreas acima relacionadas.

Quanto à Lingüística, sua relação com os outros ramos do conhecimento científico, é por demais profícua. De acordo com PIAGET (apud JAKOBSON, 1970) : *“A lingüística é sem dúvida a mais avançada das ciências sociais, por sua estruturação teórica, tanto quanto pela precisão de sua tarefa, e mantém com outras disciplinas relações de grande interesse.”*

No entanto, essa convivência nem sempre tem sido pacífica. No primeiro Congresso de Lingüistas, realizado na Holanda, em 1928, Meillet lança como lema a autonomia da Lingüística em relação às demais ciências. Segundo JAKOBSON (1970), para aquele momento era esse um programa pertinente e oportuno.

Porém, com o decurso das décadas, acentua-se a necessidade de um trabalho interdisciplinar a ser desenvolvido por cientistas de diferentes ramos. A consolidação interna da Lingüística devia combinar-se com uma estratégica abertura de seu horizonte. Era o que argumentava SAPIR, citado por JAKOBSON (idem), ao afirmar que os lingüistas *“deviam preocupar-se cada vez mais com os numerosos problemas antropológicos, sociológicos e psicológicos que invadem o campo da linguagem. [...] não podem deixar de partilhar mútuos interesses que unem a lingüística à antropologia e à história da cultura, à sociologia, à psicologia, à filosofia e, mais remotamente, à física e à fisiologia.”*

BLOOMFIELD (apud JAKOBSON, idem) afirma que a Lógica *“é um ramo da ciência intimamente relacionado à lingüística”*. Ela auxilia os lingüistas a determinarem e explicitarem a especificidade das linguagens naturais. Por outro lado não há como o lógico fugir de uma interpretação puramente lingüística para a sistematização das estruturas sistematizadas.

Também a Matemática, ao utilizar a linguagem formalizada, lança mão da articulação verbal para se fazer inteligível. Ou seja, a matemática pressupõe a linguagem vulgar, exatamente por ser uma atividade cujo produto deve-se anunciar através da verbalização.

É ponto pacífico o entendimento de que cabe à Lingüística a missão de consolidar o conceito de comunicação para as ciências do homem. JAKOBSON (idem) afirma que a tentativa mais clara de interpretar a sociedade como um todo, em função de uma *“teoria da comunicação”* foi realizada por Claude Levi-Strauss, cujo esforço fez-se *“no sentido de uma teoria da*

*comunicação que abrangeria a ANTROPOLOGIA SOCIAL, a ECONOMIA e a lingüística, ou substituindo o último termo por uma designação mais ampla, a semiótica.*”(grifos do autor). A relação língua e cultura se estabelece de maneira indissociável, pois apesar de a linguagem se colocar como um elemento constitutivo da cultura, os fenômenos culturais funcionam como sua própria base; daí não ser plausível pensar Cultura e Lingüística, como se fossem universos isolados.

Para ratificar o inter-relacionamento da Lingüística com a Etnolingüística e a Sociolingüística, JAKOBSON (idem) cita HYMES (o promotor do programa dessas disciplinas), lembrando que *“questões do funcionamento concreto e do papel da linguagem na vida humana”*, não podem se separar da Lingüística e, por isto, esta deve incorporar ao seu campo, o domínio daquelas duas disciplinas.

Cumpre mencionar a relação entre Psicologia e Lingüística, lembrando que Saussure, que via com bons olhos a conexão entre essas duas ciências, rechaçava uma possível dependência da Lingüística com respeito à Psicologia, chamando atenção para a necessidade de uma *“radical delimitação de abordagens.”*

Quanto às ciências naturais, JAKOBSON (idem) cita a Biologia, a Acústica e a Fisiologia como disciplinas que mantêm uma estreita relação com a Lingüística. E conclui:

*“Como, ao fim, a ciência é uma representação lingüística da experiência, a interação entre os objetos representados e os instrumentos lingüísticos de representação demanda controle desses instrumentos como pré-requisito indispensável para qualquer ciência. Esta tarefa implica um apelo de assistência à ciência da linguagem, e a lingüística, em compensação, deve, supõe-se, ampliar o escopo de suas operações analíticas”.*

É incontestável a condição de interdisciplinaridade que caracteriza a relação da Lingüística com as demais ciências. No dizer de LOPES (idem),

*“Ela toma emprestada a sua instrumentação metalingüística dos dados elaborados pela Estatística, pela Teoria da Informação, pela Lógica matemática, etc., e, por outro lado, na sua qualidade de ciência-piloto, ela empresta os métodos e conceitos que elaborou à Psicanálise, à Musicologia, à Antropologia, à Teoria e Crítica Literária, etc.; enfim, ela se dá, como Lingüística Aplicada, ao Ensino das Línguas e à Tradução Mecânica.”*

### **A Crítica de Bakhtin ao Lingüista-Filólogo:**

BAKHTIN (1922) tece críticas à formação da Lingüística européia, por haver, segundo ele, sido formada a partir de uma concepção determinantemente filológica. E cita NICOLAU MARR: *“A lingüística indo-européia [...] foi incapaz de descrever o processo de aparição da linguagem em geral e a origem das diferentes formas que ela adquire.”*

Ele atribui a condição de *“filha da filologia”* à Lingüística, por esta ter se baseado em enunciações formadoras de monólogos fechados. Surge aí, a crítica à elaboração dos métodos lingüísticos que se baseavam em monólogos mortos - inscrições em monumentos antigos, por exemplo - considerados como representação imediata da língua. A maneira como o *“filólogo-lingüista”* encara a língua, desvinculando-a de seu contexto, torna sua análise destituída de qualquer compreensão ideológica ativa.

Tanto a Lingüística como a Filologia, na concepção de BAKHTIN (idem), ao voltarem sua atenção para a palavra estrangeira, acusam o reflexo de toda uma tradição que tal palavra tem exercido sobre a formação histórica dos povos. E uma língua morta se oferece para o lingüista como uma língua não-vernacular: *“O filólogo é o adivinho que tenta decifrar o mistério de letras e de palavras estrangeiras e o mestre que transmite aquilo que decifrou ou herdou da tradição.”* Convém assinalar que essa crítica tecida por Bakhtin, segundo a qual a Lingüística não consegue se libertar dos grilhões que a mantêm presa à Filologia, calca-se na análise que o autor faz da lingüística saussureana.

## Considerações Finais:

Como a Filologia é uma ciência das mais antigas, seu escopo tem sido bastante modificado, sofrendo o efeito da tendência à especialização, que é uma das características da atividade científica contemporânea. Mas qualquer conceito que atualmente seja formulado para apresentar uma idéia de Filologia, fará referência ao estudo de línguas atestado por documentos escritos como seu *leit-motiv*.

Para MELO (idem) este seria um dos indicadores dos limites que separam Lingüística e Filologia, uma vez que à primeira interessam todas as atividades lingüísticas, “*seja no interior africano, seja na fila de ônibus, seja na torcida do futebol, seja nas disputas parlamentares, seja no último bolicho de Mato Grosso, seja na inocente e interessantíssima conversa das crianças, seja nos sombrios asilos de imbecis - onde há atividade lingüística existe matéria para a curiosidade científica do lingüista*”, enquanto apenas o texto escrito constitui-se objeto de interesse à pesquisa filológica.

A partir do panorama até aqui delineado, é possível entender a Lingüística como uma ciência preocupada em trabalhar com o que é mais geral e sistematizável entre os fatos da língua, enquanto a Filologia se atém ao mais particular e, portanto, de sistematização mais complexa. Uma convergência entre as duas ciências torna-se possível a partir da constatação de que se a língua não é composta apenas de generalidades, tampouco o é de particularidades, as quais se isolem mutuamente, destituindo-se de quaisquer possibilidades de interferência destas sobre aquelas, e vice-versa.

Como o objeto material das duas ciências é o mesmo, embora haja distinções quanto ao objeto formal, uma vez que os aspectos que interessam a uma e outra são distintos, é possível que ambas possam usufruir de um relacionamento científico produtivo, exatamente porque cooperativo.

Há bastante lucidez no raciocínio que leva BARTHES (1977) a perceber a transformação da Lingüística numa disciplina “dilaceradamente” abrangente: “[...] por um lado, ela está atraída por um pólo formal, e segundo essa inclinação, como a economia, formaliza-se cada vez mais; por outro lado, ela se apodera de conteúdos cada vez mais afastados de seu campo original; assim como o objeto da economia está hoje em toda parte, no político, no social, no cultural, do mesmo modo o objeto da lingüística é sem limites [...]”.

Provavelmente tenha sido essa ilimitude na abrangência, ou seja, esse “dilaceramento”, a gênese da sensação de desconforto perceptível em declarações de alguns filólogos...

## BIBLIOGRAFIA:

AUERBACH, E. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1970.

BAKHTIN, M (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BUENO, F. S.. *Estudos de filologia portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 1954.

CÂMARA Jr., J. M.. *Dicionário de lingüística e gramática*. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARROLL, J. B. *O estudo da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1973.

ELIA, S.. Lingüística ou filologia românica? in *Anais do 1º simpósio de filologia românica*. Rio de Janeiro: MEC, 1970 . p. 93-100.

FIGUEIREDO, A. J.. Filologia. In *Anais do 1º simpósio de filologia românica*. Rio de Janeiro: MEC, 1970.

JAKOBSON, R.. *Lingüística. poética. cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970

LEROY, M. *As Grandes correntes da lingüística moderna*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1971.



LOPES, E.. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MALMGERG, B. *As novas tendências da lingüística*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1971.

MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

SOUZA, R. A. Q.. A propósito dos limites entre filologia e lingüística. In *Linguagem - Revista do Instituto de Letras*. nº 02. Niterói: UFF, 1979. p. 73 - 80.

VASCONCELOS, C. M. de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Livraria Martins Fontes, 19--

[i](#) Se é que existem tais obras que contemplem essa problemática!?

[ii](#) Fato curioso é que o próprio *Dicionário de Filologia e Gramática* de Mattoso Câmara Jr., a partir da sétima edição, datada de 1977, passa a ser publicado, provavelmente por razões mercadológicas, com o título de *Dicionário de Lingüística e Gramática*.